
MÉTODOS TRADICIONAIS DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL: PROCESSO SINTÉTICO E PROCESSO ANALÍTICO.

Franciele de Azevedo Rangel¹
Emmily Cristina Firmino de Souza²
Ana Carla de Azevedo Silva³

Resumo

Os sistemas de alfabetização são múltiplos nos proporcionando a capacidade de aprendizagem de acordo com o método de ensino que nos é aplicado. No Brasil, atualmente, o método de alfabetização utilizado é o Construtivista, porém abordaremos nessa pesquisa algumas teorias do processo tradicional de alfabetização, focando nos métodos sintéticos e analíticos e evidenciando sua importância para o desenvolvimento da alfabetização ainda nos dias atuais. Para isso, dialogaremos com Mortatti (2015), Almeida (2010), Fontes e Benevides (2012), o que caracteriza nossa pesquisa como Bibliográfica. Além disso, iremos descrever um pouco sobre o uso das cartilhas no processo alfabetizador refletindo sobre a importância desse método no desenvolvimento da aprendizagem, como também a importância de aproveitar e estimular cada processo da criança.

Palavras-chaves: Alfabetização; Métodos; Desenvolvimento.

Abstract

Literacy systems are multiple in providing us with the ability to learn according to the teaching method applied to us. In Brazil, currently the method of literacy used is the Constructivist, but we will address in this research some theories of the traditional literacy process, focusing on synthetic and analytical methods and showing its importance for the development of literacy still today. For this we will discuss Mortatti (2015), Almeida (2010), Fontes e Benevides (2012)), which characterizes our research as Bibliographic. In addition, we will describe a little about the use of the booklets in the literacy process reflecting on the importance of this method in the development of learning, as well as the importance of seizing and stimulating each child's process.

Key word: Literacy; Methods; Development.

1. Introdução

O tema que iremos discorrer nesta pesquisa envolve os métodos tradicionais de alfabetização, a saber, o analítico e o sintético que desde há dois séculos aqui no Brasil são

¹ Graduanda em Pedagogia, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, franciele.uern@gmail.com

² Graduanda em Pedagogia, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, emmilycristina_@hotmail.com

³ Mestre em Letras pelo PROFLETRAS/UERN, professora substituta do Departamento de Educação UERN, professora de Língua Portuguesa pela SEEC/RN, angel_dylan19@hotmail.com

discutidos para os processos da leitura e escrita na concepção de métodos de alfabetização e que, apesar do modelo construtivista em vigor atualmente, esses métodos ainda persistem em sala de aula. Ao decorrer de décadas, o conceito de alfabetização tem se modificado, para corresponder às necessidades de um contexto social cambiante. Nessa busca de aperfeiçoamento, muitos métodos e processos de alfabetização foram criados, modificados e adaptados para um melhor desenvolvimento do processo de ensino. Essa pesquisa foi fundamentada em uma pesquisa bibliográfica, a qual aborda os métodos tradicionais, sintético e analítico, na busca de compreender como se deu e como ainda se orienta o processo de alfabetização utilizando esses métodos tradicionais.

2. Referencial Teórico

No Brasil, em meados do século XIX, a educação adotou um método tradicional de ensino e a escola assumiu um papel de caráter político-social para esclarecer às massas iletradas sobre a necessidade da alfabetização. Nesse contexto, saber ler e escrever era considerado privilégio, e esse “saber” permitia o acesso para um desenvolvimento social, considerado como cultura de poucos. A alfabetização que era ministrada apenas nos lares passou a ser pautada como obrigação dentro das escolas gerando objetos de aprendizagem para poder atingir a universalização do letramento, com métodos facilitadores que pudessem alcançar a todos. “As práticas de leitura e escrita passaram, assim, a ser submetidas a ensino organizado, sistemático e intencional, demandando para isso, a preparação de profissionais especializados” (MORTATTI, 2004, p. 2).

No decorrer do processamento da leitura e da escrita, a criança passa por um estágio de escolarização que a capacita para as situações reais de interação social, de conhecimento do eu e do outro e do engajamento à cultura letrada uma vez que isso traz novos contornos de ligação dos sujeitos com seu entorno. Então, discorreremos sobre os métodos tradicionais de alfabetização (o analítico e o sintético) explicitando sua eficácia no processo de alfabetização e no atendimento às necessidades do sujeito enquanto ser de construção identitária.

2.1 Analítico *versus* Sintético: dissensões e contribuições

A educação até os anos 80 nos apresenta três métodos diferentes de alfabetização infantil para guiar os profissionais docentes, são eles: sintético, analítico e misto, porém iremos frisar uma maior atenção no Sintético e Analítico.

O método sintético é o mais antigo, com mais de 2000 anos de existência, perdurou por toda a Antiguidade e chegou também na Idade Média, quando foi adotado também em países da Europa, como, por exemplo, a França, que utilizava esse método para ensinar inicialmente o Latim, para depois inserir a língua materna. Almeida (2008, p.4234) fala que os métodos sintéticos "seguem a marcha que vai das partes para o todo, ou seja, primeiro a criança internaliza as unidades menores (fonemas), para depois gradativamente chegar às unidades maiores". "Em outras palavras, primeiro se aprende o processo de codificação e decodificação para, em uma fase mais avançada, passar à compreensão da leitura e da escrita." (FONTES & BENEVIDES, 2012, p. 3). Esse método se divide em três processos: alfabético, fônico e silábico.

Já no método Alfabético a criança aprende o nome das letras nas formas maiúsculas e minúsculas, a sequência do alfabeto e encaixa as letras entre si, formando sílabas ou palavras.

O método alfabético ou de soletração caracteriza-se pela aplicação através de uma sequência fixa baseada nos estímulos auditivos e visuais, sendo a memorização o único recurso didático utilizado, pois, de acordo com Carvalho (2010, p.22), "[...] o nome das letras é associado à forma visual, as sílabas são aprendidas de cor e com elas se formam palavras isoladas. [...]". Esse método tem como objetivo a combinação entre letras e sons. (ALMEIDA 2008 apud FONTES e BENEVIDES, 2012, p. 3)

Fontes e Benevides (2012, p.3) expõem que no método fônico o processo se dá de outra forma, em que a criança começa pelo som das letras, unindo som da consoante ao da vogal, pronunciando a sílaba formada.

[...] a atenção está direcionada à dimensão sonora da língua, assim, inicia-se o processo ensinando a forma e o som das vogais, depois das consoantes, em seguida, cada letra é aprendida como um fonema que, unindo a outro, formam-se as sílabas e depois as palavras.

No processo silábico ou silabação, a criança aprende a fazer a análise das sílabas, para formar as palavras. São propostas palavras-chave em cartilhas com a finalidade de apresentar as sílabas e conseqüentemente formar as frases. Frade (*apud* FONTES E BENEVIDES, 2012, p.3) explica que o desenvolvimento dessa técnica "segue uma sequência com base em uma ordem de apresentação das sílabas mais fáceis para as mais difíceis, destacadas de palavras-chave e estudadas sistematicamente em famílias silábicas que, ao juntá-las, formam novas palavras".

Já o método analítico teve uma grande influência da pedagogia norte-americana e

MÉTODOS TRADICIONAIS DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL: PROCESSO SINTÉTICO E PROCESSO ANALÍTICO

Franciele de A. Rangel, Emmily Cristina F. de Souza, Ana Carla de A. Silva

[...] baseava-se em princípios didáticos derivados de uma nova concepção — de caráter biopsicofisiológico — da criança, cuja forma de apreensão do mundo era entendida como sincrética. A despeito das disputas sobre as diferentes formas de processuação do método analítico, o ponto em comum entre seus defensores consistia na necessidade de se adaptar o ensino da leitura a essa nova concepção de criança. (MORTATTI, 2016, p.7)

O desenvolvimento do método Analítico dava-se a partir do processo intuitivo, ou seja, iniciando-se do simples para o profundo. De acordo com Fontes e Benevides (2012, p. 4) esse método “tem como ponto de partida unidades linguísticas maiores como palavras, frases ou pequenos textos para depois conduzir a análise das partes menores que as constituem, como as letras e as sílabas, supondo que, no reconhecimento global como estratégia inicial” defendendo que a leitura é um ato global e audiovisual e que também está dividida em três processos: Palavração, Sentenciação e Global.

No processo de palavração, palavras significativas são apresentadas em agrupamento retiradas de um texto ou de uma história e os alunos aprendem a partir da visualização e pela configuração gráfica, ou seja, o mesmo faz a relação da palavra com a imagem elaborando uma análise dos dois elementos.

Morais, Albuquerque e Leal (2008, p. 17) enunciam que esse processo se dá da seguinte maneira:

[...] a criança é colocada diante de uma lista de palavras ditas e compreendidas num processo oral, usando, assim, a técnica da memorização, para o reconhecimento global de certa quantidade de palavras da lista em combinações diferentes, para construir sentenças significativas e, na sequência, trabalhar as sílabas/letras até a criança se tornar capaz de fazer, de forma automática, as conversões letras/sons.

Já no processo da sentenciação, o alfabetizador utiliza a comparação das palavras, no entanto, ele isola os elementos conhecidos dela ampliando, assim, o vocabulário. Dessa forma, irá surgir novas palavras e fazer a leitura delas. “Na sentenciação, a unidade inicial do aprendizado é a frase, que é depois dividida em palavras, de onde são extraídos os elementos mais simples: as sílabas” (BORGES, 2008, p. 3).

Quanto ao processo global, ele parte de pequenas histórias, em seguidas decompõem-se do texto frases, as frases em palavras, as palavras em sílabas, para no final, a formação de novas palavras com as sílabas estudadas.

Esses métodos também são conhecidos como tradicionais ou cartilhescos, pois são expressos apenas por cópias, ditados, lista e exercícios da conformidade de “seguir o modelo”. Dessa maneira “[...] quando o professor solicitava aos alunos que lessem o alfabeto (todos liam) e ao pedir para escreverem ou formar uma palavra, esses não sabiam. Percebe-se

aí, que o (re) conhecimento das letras que formavam as famílias silábicas eram “decoradas” na sua ordem” (ALMEIDA, 2003, p. 4235).

2.2 Sobre as cartilhas

No século XVI, com a necessidade de materiais didáticos que propiciassem o processo de ensino de leitura e escrita, surge o silabário, a primeira versão de cartilha. As primeiras cartilhas Brasileiras foram importadas de Portugal, como por exemplo, a *Cartinha para Aprender a Ler* do escritor João de Barros. As cartilhas traziam como teor o alfabeto escrito de várias formas, tendo a grafia como item fundamental na escrita. Uma das cartilhas que se tornou destaque na época foi a *Cartilha Maternal*, do Poeta João de Deus, que era contra métodos de alfabetização que utilizassem a soletração e silabação para o ensino da leitura.

Este sistema funda-se na língua viva: não apresenta os seis ou oito abecedários do costume, senão um, do tipo mais frequente, e não todo, mas por partes, indo logo combinando esses elementos conhecidos em palavras que se digam, que se ouçam, que se entendam, que se expliquem; de modo que, em vez de o principiante apurar a paciência numa repetição néscia, se familiarize com as letras e os seus valores na leitura animada das palavras inteligíveis. (...) Esses longos exercícios de pura intuição visual constituem uma violência, uma amputação moral, contrária à natureza: seis meses, um ano, e mais, de vezes sem sentido, basta para imprimir num espírito nascente o selo do idiotismo (SÃO PAULO, 2011 *apud* DEUS, 2005, p. 5).

No Brasil, as primeiras cartilhas foram produzidas por professores fluminenses e paulistas, iniciando com o método sintético para posteriormente, chegarem ao método analítico. Em 1892, foi publicado o 1º Livro de leitura do autor Felisberto de Carvalho, abordando o processo de silabação. Em 1907, é lançado a cartilha Analytica de Arnaldo Barreto, marcando a ascensão do método analítico. Nos anos seguintes, surgem as cartilhas Sodré (1940), de Benedita Stahl Sodré, e caminho Suave (1948) de Branca Alves de Lima, da qual é proposta a silabação dentro do método sintético no processo da leitura e escrita.

O processo de alfabetização foi desenvolvido através das cartilhas durante um grande período, mas com a evolução de outros métodos de alfabetização, essa metodologia tornou-se insuficiente para suprir as exigências sociais. Nos dias atuais não basta o sujeito codificar e decodificar sinais, pois não é o suficiente para a produção textual, existe a necessidade de uma comunicação profunda por meio da escrita, e com a utilização de diversos tipos de discurso. Dessa maneira, torna-se primordial aproveitar cada processo da criança e estimulá-la a contar histórias como ponto primordial de desenvolvimento de produção textual. Não podemos deixar de enfatizar a importância do respeito e afetividade do profissional docente que desenvolve práticas alfabetizadoras, pois "o respeito pelo aluno é o princípio norteador da

alfabetização. Um aluno que tem seus limites respeitados agirá também com uma postura respeitosa, amigável e de admiração pelo professor" (MENDONÇA, 2011, p. 33).

3. Metodologia

Nossos apontamentos para a construção dessa pesquisa partiu de uma revisão bibliográfica e se desenvolveu a partir do diálogo com Mortatti (2015), Almeida (2010), Fontes e Benevides (2012) e também a partir das publicações nas principais revistas científicas brasileiras de educação.

4. Resultados e Discussões

Os resultados adquiridos durante a pesquisa apontam que os métodos tradicionais de ensino foram utilizados por muito tempo, atuando como protagonistas da alfabetização. O uso da repetição e memorização através das cartilhas eram eficientes para o contexto vivido, no entanto, com o aperfeiçoamento das práticas alfabetizadoras, constatou-se que era necessário articular novos modelos para auxiliar no processo de ensino aprendizagem do aluno e a partir disso foram propostas novas ideias aos docentes, como por exemplo, o construtivismo, que é o atual método de alfabetização utilizado no Brasil, que trazia consigo propostas diferenciadas e modernas e que procurava atender a criança em sua totalidade, explorando suas diversas áreas de conhecimento e não apenas a mecanização da aquisição do código da língua.

No entanto, o que ainda percebemos é que apesar de serem considerados “ultrapassados”, esses procedimentos tradicionais (o método analítico e sintético) ainda atuam fortemente dentro das escolas, principalmente o processo silábico, uma ramificação do método sintético, que consiste na associação das letras a um objeto ou animal, como (“E” de Elefante), que é bastante utilizado pelos professores de educação infantil. Também detectou-se que as cartilhas foram retiradas do material didático escolhido pelas escolas e passaram a ser consideradas como ferramentas pouco ricas em atribuições contextuais para as crianças, uma vez que o conteúdo proposto por elas não apresentava uma sequência coerente e que pudesse agregar sentido ao que o estudante estivesse assimilando, portanto, com o passar do tempo foram trocando o material e descartando o uso das cartilhas.

De uma forma mais ampla, pode-se observar que sempre que surgem novos mecanismos eles são unidos aos que estão sendo utilizados no momento, para que haja uma melhor adaptação e possa haver a opção de escolher para a forma de aprendizagem mais eficaz dos discentes.

5. Conclusão

O conceito de educação sofreu alterações no decorrer das décadas, o que antes era o suficiente para uma mera decodificação linguística, hoje com as mudanças da sociedade não atende a necessidade dos sujeitos, apesar de não ter um método totalmente eficaz passou-se a se a ter uma maior reflexão sobre a eficácia dos métodos vigentes. Diante de tais transformações e da percepção de que a língua está em constante transformação é necessário que o alfabetizador tenha um olhar sobre os efeitos de sua metodologia. Não podemos deixar de reconhecer os pontos positivos de cada método como também suas limitações, pois cada um deles teve e têm sua relevância para o processo educacional tendo que ser analisado de acordo como contexto social de sua época sendo imprescindível para os que surgiram posteriormente fossem alterados.

Diante do que já foi apresentado durante o decorrer do trabalho é necessário que o professor esteja preparado, pois alfabetizar não é uma tarefa fácil e o docente necessita de respaldo para que ele possa mediar sua prática pedagógica em sala de aula para que seus discentes possam se desenvolver de forma plena. Além disso, se faz necessário mencionar que o alfabetizador utilize uma variação dos métodos para que um possa suprir a necessidade do outro.

Portanto, é preciso que o processo de alfabetização seja único e que a criança possa pensar, agir, refletir, se posicionar e aprender a ser o sujeito ativo e que constrói suas concepções sobre mundo e que não é através de cartilhas e longos exercícios que os alunos irão aprender e nem de forma mecanizada, mas dando oportunidades, estímulos para que demonstrem suas capacidades como ler, escrever e ter criticidade e assim assegurando seu papel na sociedade.

Referências

ALMEIDA, Mariana Aparecida Paes. **Métodos alfabetizadores:** reflexões acerca da prática pedagógica de uma professora de 1ª série do ensino fundamental. Educere. Anais do II Congresso Nacional de Educação. Curitiba - Paraná, 2008. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/344_948.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2016.

BORGES, Cezar Afonso. **Curso: educação infantil e alfabetização.** Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena. Associação Juinense de Ensino Superior do Vale do Juruena Pós-Graduação Lato Sensu em Educação infantil e alfabetização. Mato Grosso, 2008. Disponível em: <http://www.pos.ajes.edu.br/arquivos/referencial_20110625101510.pdf>. Acesso em: 10 maio. 2017.

MENDONÇA. Universidade Estadual Paulista. Pró-reitoria de Graduação U58c (Org.).
Caderno de formação Formação de Professores Bloco 02 - Didática dos Conteúdos.
2011. Disponível em:

<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40149/1/Caderno_Formacao_bloco_2_vol2.pdf>. Acesso em: 10 maio 2017.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges correia de; LEAL, Telma Ferraz. (Orgs.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Disponível em < <http://pt.scribd.com/doc/39256026/ALFABETIZACAO-apropriacaodo-sistema-de-escrita-alfabetica> > 15 de Nov. 2012.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **João köpke (1852-1926) na história do ensino de leitura e escrita no brasil.** São Paulo: Unesp, v. 3, 2015. Disponível em:

<<http://books.scielo.org/id/3nj6y/pdf/mortatti-9788568334362-05.pdf>>. Acesso em: 04 dez. 2016.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no brasil.** Portal MEC, 2006. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf. Acesso em: 10 de maio 2017.

SCHEFFER, Ana Maria Moraes; ARAÚJO, Rita de Cássia Barros de Freitas; ARAÚJO, Viviam Carvalho de. **Cartilhas: das cartas ao livro de alfabetização.** Disponível em:

<http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem10pdf/sm10ss20_04.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2016.